



Viagem aos 200 Anos dos Relatos de Viajantes Europeus sobre Meia Ponte/GO

João Guilherme da Trindade Curado ¹

RESUMO

Em 1819 dois viajantes europeus, o austríaco Johann Emanuel Pohl e o francês Auguste de Saint-Hilaire, passaram por Meia Ponte registrando observações sobre o antigo arraial. Disponibilizaram informações que compuseram as obras denominadas “Viagens”: relatórios oficiais que contemplam descrições acerca das inúmeras localidades visitadas no Brasil por eles. Objetiva-se investigar as relações entre a História, a Ciência e a Natureza meiaponteses tendo as narrativas dos viajantes mencionados como diretriz. Metodologicamente a análise bibliográfica envolve os dois viajantes e autores diversos que analisaram as duas obras referenciais, buscando análise comparativa entre Meia Ponte (1819) e Pirenópolis (2018).

Palavras-Chave: Pohl; Saint-Hilaire; Pirenópolis; Natureza.

¹ Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil. Docente da Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte de Goiás, Seduce, Brasil. joaoguilherme@gmail.com

Entretanto, em comparação com os escritos aparecidos nos últimos tempos sobre o Brasil, que na maioria se limitam a descrições da região em torno do Rio de Janeiro, creio o Autor que publica muita coisa não destituída de importância e muitas observações interessantes, especialmente com respeito à Capitania de Goiás (Pohl 1976)

A epígrafe é um trecho da apresentação de Pohl à “Viagem no Interior do Brasil”, obra em que Goiás merece menções em algumas das seções, sendo que em duas delas Meia Ponte é descrita, acusando que o austríaco por ali passou um par de vezes, assim como Saint-Hilaire. As “observações interessantes” na verdade eram informações compiladas pela primeira vez por outra fonte que não os documentos oficiais do governo, da Igreja ou por pessoas subordinadas a estas instituições, e que por isso delimitavam as narrativas.

Destarte, os viajantes que passaram por Goiás, e em especial por Meia Ponte, em 1819 foram pioneiros e, portanto, tiveram a oportunidade de vislumbrarem inúmeras situações que fugiam aos contextos em que viviam na Europa, merecendo observações, reflexões e conseqüentemente relatos que passaram a ser utilizados por outros que visitaram, habitaram ou estudaram as terras goianas.

A problemática do artigo está pautada na interpretação comparativa compreendida no intervalo de dois séculos sobre o mesmo espaço geográfico, que teve neste transcorrer temporal sua toponímia alterada de Meia Ponte para Pirenópolis e que no passado (1819) possuía economia e sociedade basicamente rural e atualmente, no século XXI, é um dos importantes destinos turísticos de Goiás.

Partimos de brevíssima apresentação dos dois viajantes, Pohl e Saint-Hilaire e das considerações sobre as “Viagens” publicadas por eles para a historiografia goiana. Em seguida abordaremos, também sinteticamente, algumas temáticas já empreendidas em estudos recentes, tendo por referencial os viajantes em questão. Por fim, as observações sobre a antiga Meia Ponte e a atual Pirenópolis, considerando o bicentenário comemorativo das viagens que resultaram nas contribuições dos viajantes.

OS VIAJANTES E SUAS VIAGENS

A pretensão, ao apresentar os dois viajantes, é apenas a de contextualização, por isso limitamos às informações contidas nas páginas iniciais das obras publicadas pela Coleção Reconquista do Brasil, uma parceria das Editoras Itatiaia e da Universidade de São Paulo, volumes 8 (Saint-Hilaire) e 14 (Pohl), respectivamente nos anos de 1975 e 1976.

No entanto, respeitaremos a cronologia das Viagens, sendo o primeiro a visitar Meia Ponte em janeiro de 1819, Johann Baptist Emanuel Pohl, nascido em Kamnitz (Bohemia), às vésperas de completar 37 anos de idade. Estudou na Universidade de Praga e tornou-se Doutor em Medicina.

Chegou ao Brasil como integrante da Missão Austríaca, por ocasião do enlace entre a Arquiduquesa Leopoldina com o então Príncipe D. Pedro I. Inicialmente a função de Pohl pautava-se nas questões mineralógicas, mas acabou sendo incumbido também da botânica.

Permaneceu no Brasil por cerca de 40 meses, dos quais 18 em Goiás (Corrêa 2001). Durante as Viagens por diversas regiões do Brasil, incluindo Goiás, Pohl “coligiu muito material mineralógico e cerca de 4.000 espécies de plantas, levando todo esse tesouro científico para Viena, em 1821” segundo apresentação de Ferri à obra de Pohl (1976).

Ao finalizar o prefácio de “Viagem ao Interior do Brasil”, o viajante austríaco adverte:

Não peço maior recompensa ao meu empenho. Se esta viagem, para mim sempre memorável, com seus incômodos e fadigas, com suas canseiras e privações, que acicatavam meu mais caro desejo; se a minha honesta vontade de contribuir, na medida de minhas forças, para aumentar os conhecimentos nos domínios da Geognosia e das ciências naturais forem apreciadas na proporção de seu entusiasmo e sinceridade, estará agradavelmente atingido o alvo que tive em mira (Pohl 1976).

A permanência de Pohl na Capitania e em especial na cidade de Goiás por tanto tempo ocorreu em função da “estação chuvosa”, esgotamento dos animais, impossibilidade de conseguir outros rapidamente. Relata que aproveitou a longa estada para a “embalagem dos objetos coletados e na correção do meu diário, que depois mandei para Viena” (Pohl 1976). Diário ao qual retornaremos em breve para analisar as narrativas feitas sobre Meia Ponte.

Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, percorreu Goiás entre maio e setembro de 1819 (Corrêa 2001), aos 39 anos de idade. Saint-Hilaire, como é mais conhecido, veio ao Brasil por influência do Conde de Luxemburgo. Novamente Ferri, agora na apresentação de “Viagem à Província de Goiás”, do botânico francês escreve que: “os relatos de suas viagens são um farto manancial de informações sobre a história pátria, a nossa geografia, etnografia, e nossa Fauna e Flora, em particular” (Saint-Hilaire 1975).

Sobre as coletas efetivadas no Brasil, incluindo Goiás e Meia Ponte, “reuniu herbário de 30.000 espécimes que abrangiam 7.000 espécies, das quais foram avaliadas, como até então desconhecidas, mais de 4.500”, segundo Ferri (Saint-Hilaire 1975).

No prefácio de “Viagem à província de Goiás”, Saint-Hilaire indica a distância de quinze anos entre a viagem e a publicação, que passou por organização e, segundo ele, se manteve atualizada, pois “nas regiões escassamente povoadas as coisas mudam com extrema lentidão” (Saint-Hilaire 1975). Também aconselhou que: “não se deve julgar, porém, o interior da América segundo os padrões europeus”. Contudo, ainda na introdução o francês parece ter se esquecido da recomendação por ele

feita linhas acima, ao afirmar que: “muitos anos ainda irão passar antes que se veja, do alto dos Pireneus, algum traço de cultura”.

Antes de adentrarmos ao território goiano relatado pelos viajantes faz-se necessário salientar que, em concordância com Belluzzo (1996) “o interesse contemporâneo no reexame da contribuição dos viajantes que passaram pelo Brasil é um reconhecimento de que eles escreveram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito”. A referida autora esboça investigações mais aprofundadas sobre a temática em *O Brasil dos Viajantes* (2000).

Kury (2001) é outra importante referência sobre os viajantes europeus que passaram pelo Brasil no século XIX e nos chama a atenção para o fato de que “o cientista que se fez viajante escolheu não apenas ver com os próprios olhos, mas ouvir e sentir com o próprio corpo os fenômenos lá onde aconteceram”. Assim, os relatos viraram importantes fontes para a história até então não escrita sobre várias localidades, inclusive sobre a então Província de Goiás.

A produção do conhecimento a respeito de Goiás era basicamente pautada em documentos oficiais e em investigação com a temática histórica, o que se mostrava bastante embrionária.

Ao proporcionar estudo pioneiro sobre a Historiografia Goiana, Sales (1971), inicia apresentando “A História goiana no século XIX”, lembrando que a primeira história de Goiás foi escrita pelo cônego Luiz Antônio da Silva e Souza em 1812: “Memória sobre o descobrimento, governo, população e casos mais notáveis da Capitania de Goiás”. Em seguida a autora discorre sobre “As narrativas de viagens”, em que adverte:

As crônicas dos viajantes ilustres que nos visitaram no século XIX, são fontes informativas de marcado vigor. É leitura obrigatória, quando se pretende levantar o estudo sócio-econômico de Goiás no período aurífero, e da incipiente fase de produção agrícola. No campo histórico, repetem os primeiros historiadores goianos, principalmente os comentários de Silva e Souza (Salles 1971).

Para Salles (1971) é indiscutível as contribuições deixadas pelos viajantes que passaram por Goiás no século XIX, referências imprescindíveis para a compreensão de como Goiás era observado e descrito. Assim, como as impressões deixadas por eles impregnaram os estudos posteriores durante longo tempo, sendo até hoje principais referências para análises sobre aquela centúria. No entanto, a historiadora chama a atenção para a influência da referida obra de Silva e Souza na condução dos relatos das “Viagens”.

Outra observação historiográfica pertinente aos escritos dos viajantes é mencionada por Polonial ao afirmar que:

João Guilherme da Trindade Curado

ainda no século XIX, tivemos a contribuição valiosa dos viajantes europeus que estiveram no Brasil e que passaram por Goiás, relatando as suas impressões do cotidiano goiano, como Johann Emmanuel Pohl, com o livro “Viagem ao Interior do Brasil”, e Auguste de Saint-Hilaire, que publicou “Viagem à Província de Goiás”. Homens de cultura erudita, todavia fora da realidade goiana e com uma concepção de mundo européia, acabaram criando uma visão distorcida dos fatos (2001).

A tentativa de descrever o Brasil, assim como Goiás e Meia Ponte, com referenciais do cotidiano europeu, sem possuir conhecimentos de dados sobre o período aurífero, contribuíram para a “visão distorcida” que desde então permeou a escrita da História goiana, que só recentemente passou a questionar os aspectos relativos a tal “decadência” latente nos escritos, tanto do austríaco, quanto do francês e dos demais viajantes que transpuseram as terras goianas durante o século XIX. Rocha Júnior (2003) corrobora para melhor entendimento da produção histórica deixada pelos viajantes naturalistas, ao salientar que “os modelos de história nacional ou, como as interpretações da história goiana repetem os modelos gerais da história do Brasil — escravidão, bandeirismo, atraso etc. — é um tema que não se esgota quando o pensamento do ponto de vista historiográfico”.

Modelo que permaneceu vigente por todo um tempo seguindo a periodização de Iglésias (2000), adaptada à historiografia goiana por Polonial (2001), que delimitou como sendo “o primeiro momento, dos trabalhos iniciais sobre Goiás, que são crônicas ou catalogação de fontes, até a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), em 1933”. Novas influências ocorreram com o IHGG, mas a profissionalização histórica ocorreria a partir de 1959 com a criação dos Cursos Superiores de História em Goiás. Diante deste contexto Sandes e Arrais (2014) nos acautelam que “tal carência de reorientação da realidade pretérita não poderia mais ser contida no interior de uma representação que, mesmo redentora do passado recente, legava ao presente uma herança pouco orgulhosa”, onde “as representações decadentistas constituíram, assim, lugares de memória, orientadores da interpretação de memorialistas e de historiadores. Nesses lugares não se postula a presença da memória vivida, mas sim a exterioridade da representação, seu caráter residual”. Finalizam os autores apontando que “não se estabelece o culto ao passado, espectro da decadência. Ao contrário, seu suporte reside em uma inscrição interna que, simultaneamente, resiste e aguarda a chegada do moderno”.

Independente da divisão periódica dos momentos e influências históricas, os livros dos viajantes continuam constituindo fontes que nos revelam, a cada leitura, novas possibilidades de se estudar Goiás, compreendendo o século XIX, mesmo sendo os textos das “Viagens” carregados por olhares eurocêtricos, pautados na concepção de atraso e ainda na insistência em reproduzir a ideologia de decadência goiana. Questões que permitiram releituras, interpretadas a partir de contextualizações menos pessimistas e que autorizam ampliação das práticas históricas goianas.

Em Pirenópolis, mesmo com toda a importância dos relatos de Pohl e Saint-Hilaire, eles são pouco lembrados oficialmente, mesmo as obras deles são ausentes nas bibliotecas públicas locais e as menções são vagas e baseadas na oralidade, sem a preocupação de se recorrer a fonte.

AS VIAGENS EM OUTRAS PERSPECTIVAS

Pohl e Saint-Hilaire são categóricos ao afirmarem que os relatos antes de serem publicados passaram por revisões diversas, e que só foram publicadas tempos depois, quando eles já tinham retornado ao continente de origem.

As outras perspectivas que propomos apresentar advém de pouco mais de uma dezena de produções científicas produzidas, em especial por acadêmicos em Goiás, fruto de investigações ocorridas nos últimos quinze anos. O intuito não é analisar cada texto, e sim verificar as várias abordagens e temáticas que apresentaram ao investigar as obras dos viajantes que passaram por Goiás no século XIX, notadamente Pohl e Saint-Hilaire.

Na tentativa inicial de amenizar as narrativas produzidas pelos viajantes, consideramos, de acordo com Andrade (2008), que “o viajante, ao deixar seu país de origem, entra na condição de estrangeiro. O cotidiano, a cultura, a língua e o referencial de identidade implicam uma outra existência e realidade: o outro”. Parecem bastante complexas as Viagens que empreenderam pelo Brasil e Goiás, pois a cada deslocamento uma nova comunidade se apresentava aos olhos dos naturalistas.

Independente da formação, dos conhecimentos adquiridos ou dos objetivos que nortearam as Viagens por Goiás, os viajantes podem, conforme Gomes Filho (2015), ser pensados tipologicamente “como sendo um sujeito em *trânsito*, perplexo pela alteridade encontrada entre sua realidade europeia e um sertão que se localizava não somente em outro lugar do espaço, mas também do tempo”.

A impressão que se pode ter ao ler os relatos é a de que os viajantes ao adentrarem o território goiano, por quase inexistentes caminhos, se depararam com visões bastante diversas das que observavam na Europa. Para Tavares (2007) “as paisagens de Goiás foram observadas em suas diversidades de campo, florestas, cadeias de montanhas e outras diferenças relacionadas às espécies dominantes e suas formas de associação, mas também detiveram a atenção do olhar estético e contemplativo dos viajantes”.

As observações em relação às paisagens goianas são bastante densas, indicando o anseio em registrar o desconhecido, o exótico que poderia resultar em novas descobertas para a História Natural, tão em voga naquele período. A busca por espécies ainda não conhecidas da fauna e da flora propiciava reconhecimento ao viajante, uma vez que “as expedições científicas objetivavam realizar levantamentos

e coletas de espécies da fauna e da flora, classificadas, catalogadas e remetidas para os grandes herbários e Museus de História Natural da Europa” (Souza 2008).

Exemplares da representatividade da diversidade florística e da fauna goiana também foram enviadas para museus europeus, outros aspetos não podiam ser trasladados ou expostos, e sim apenas descritos. Assim, de acordo com Leitão (2011), “Saint Hilaire se referia às dificuldades encontradas pelos habitantes da província para produzirem e comercializarem os produtos da terra”. Continua a autora explicando que ocorriam devido “as técnicas agrícolas rudimentares, dificuldades de armazenamento, grandes distâncias entre vilas, precariedade dos caminhos que dificultavam o transporte de mercadorias para comercialização e dificuldades de ordem fiscal, contribuíram para inviabilizar a expansão da lavoura (Leitão 2011).

As dificuldades apontadas pelo francês eram facilmente supridas pelos goianos, uma vez que não produziam grandes excedentes pelo fato de que a maioria da população se dedicava à agricultura de subsistência. A precariedade de estradas e caminhos estendiam as viagens desestimulando o comércio que era severamente controlado. Quanto a agricultura há concordância de que “as práticas de cultivo da terra derivavam da incorporação, pelos primeiros sertanistas e mineradores paulistas, dos conhecimentos indígenas, somados aos métodos luso-brasileiros e africanos” (Souza 2008), caracterizando, assim, aperfeiçoamento técnico ligado aos conhecimentos empíricos, propiciando relativa produtividade nas pequenas áreas cultivadas pelos agricultores.

A agricultura de subsistência esteve presente em Goiás desde a época da mineração, dividindo com a extração do ouro as forças de trabalho. Após o esgotamento aurífero passou a ser a ocupação principal junto com a pecuária, suprimindo, de tal modo, a fome e a força motriz para atividades diversas. Na pecuária o destaque recaía sobre os muars, equinos e bovinos por serem, respectivamente, resistentes na transposição de grandes distâncias carregando expressivo peso; por representarem meios de condução individual, quando o gado se tornava responsável por deslocamentos coletivos em carros de bois, sendo além disso mercadorias autotransportáveis — o que facilitava o comércio. O couro era extremamente útil. Mas o gado também compunha a base alimentar do goiano a partir do leite e seus derivados, assim como da carne em diversos preparos.

A produção agropecuária acabava por definir os gêneros alimentícios consumidos, o que leva Pohl, segundo Lemos (2016), a afirmar que “para ele o padrão alimentar dos goianos ainda era muito rudimentar”, no que há concordância com outros viajantes, sendo que a evidência da má alimentação se refletia nos prontuários de enfermidades por eles encontradas em Goiás. Magalhães (2004), salienta que “as impressões de Johann Emanuel Pohl, de Saint-Hilaire, Luiz D’Alincourt, de George Gardner e de

Francis Castelnau são primordiais para a análise das patologias predominantes em Goiás”. A atenção pelas doenças ocorre em função do desconhecimento de algumas moléstias, pela repetição de outras e mesmo por trazerem medicamentos desenvolvidos na Europa, mas que eram inovações medicamentosas entre os goianos.

Rezende (2017) apresenta um quadro com as doenças levantadas pelos viajantes em Goiás e destaca o bócio como a enfermidade mais recorrente entre a população, afetando desde crianças a velhos e até mesmo viajantes que permanecessem por longo tempo no território goiano. Apontou, ainda, a incidência do bócio em animais como cabras e cães.

Em relação à saúde, ou à falta dela, os viajantes ao se depararem com as enfermidades as observavam de acordo com um modelo, pois “até o final do século XIX, no campo da medicina, dominava a teoria miasmática, princípio segundo o qual surtos epidêmicos de doenças infecciosas seriam causados pelo estado da atmosfera” (Magalhães 2004). Diante deste preceito, eram evitados alguns alimentos e bebidas, e até mesmo hábitos higiênicos. O ajuntamento de pessoas não era recomendado; portanto as danças eram mal vistas, assim como as festas (Figueiredo 2016). Excetuando-se as festividades promovidas seguindo o calendário litúrgico da Igreja e com presença do pároco.

A Igreja promovia ainda as festas sacramentais, com destaque para batizados e sepultamentos, uma vez que o matrimônio, conforme observação dos viajantes, eram bastante restritos quantitativamente, como explica Lemke (2012): “o casamento legitimado era estratégia de manutenção e fortalecimento de alianças e status, mas também de ‘segurança’, manutenção dos bens”.

Lemke continua nos chamando a atenção para a difusão de uniões ilícitas como o concubinato que era “praticado até entre os ilustres moradores do palácio, levou os viajantes a difundirem a inexistência da família. Para eles, concubinato era uma espécie de ‘avesso’ da família, e assim a difundiram” (Lemke 2012). No que há discordância da autora, para quem “o concubinato manifestava sentimentos e interesses pessoais [...]. O resultado do concubinato não seria outro: uma sociedade marcadamente mestiça, mas nem por isso menos voltada a valores familiares”.

A percepção sobre a família goiana recebeu linhas bastante críticas e severas nos relatos das Viagens efetivadas por Pohl e Saint-Hilaire. Os filhos, enquanto crianças, quase não são mencionados e os textos sobre as mulheres perpassaram gerações, conforme observaram Mateus & Silva (2015) sobre as mulheres em Goiás: essas ideias foram sendo alicerçadas e formaram o arcabouço da identidade da mulher goiana, como sendo passiva, de pouca cultura intelectual e mental e que, viviam sempre sobre a égide do pai e futuramente do marido ou do irmão mais velho”.

Faz-se necessário considerar que muitas situações não foram observadas diretamente pelos viajantes, que recorreram a documentos e textos escritos, tanto durante as viagens, quanto posteriormente, por ocasião de organização dos relatos para publicação. Também foi contribuição as conversas que travaram, desde com os tropeiros que os conduziam — direcionando a eles inúmeras reclamações, inclusive sobre a limitação intelectual. Por outro lado, elogiaram alguns fazendeiros, comandantes e padres com quem palestraram em língua francesa. Tais informações são indícios de que “através da tradição oral, esses viajantes acabam dando por verdade os relatos dos habitantes locais” (Silva & Pereira 2016), o que se aplica ainda às questões relativas a fauna e a flora.

Houve, por parte de Saint-Hilaire, uma inquietante preocupação ao escrever, como explica Andrade (2008), pois o botânico francês “reconheceu, durante suas viagens, que havia nos textos e mapas topônimos descritos de várias formas” e que “quando percebia as incoerências nas grafias de forma diferente, consultava as autoridades da região e recorria à etimologia das palavras. Sempre que possível utilizava o uso dado pela comunidade e o próprio bom senso”.

A cautela em buscar a denominação correta para fauna, flora, nomes de pessoas e de localidades, hidrografia e demais elementos geográficos deixaram a desejar em proporção aos cuidados com as impressões grafadas pelos viajantes sobre Goiás, relativas às décadas iniciais do século XIX, e que não foram muito positivas. Pohl foi menos condescendente que Saint-Hilaire, todavia Oliveira & Mello (2013) afirmam que “no caso do Arraial de Meia Ponte, exceção em seu julgamento negativista, pode-se atribuir seu relato favorável talvez à boa receptividade oferecida a ele pelo Comendador Joaquim Alves de Oliveira proprietário do tradicional Engenho São Joaquim (hoje Fazenda Babilônia), que na época possuía diversos investimentos no arraial”.

Os viajantes tecem alguns elogios ao então Arraial de Meia Ponte — localidade visitada duas vezes por cada um deles e situada às margens do Rio das Almas e nas proximidades dos Pireneus — que passou por várias alterações, apresentadas a seguir.

As observações ocorridas em período que compreende dois séculos distintos, o ano da passagem de Pohl e de Saint-Hilaire por Meia Ponte (1819) e a perspectiva do bicentenário, no início do século XXI, apresentam visões bastante distinguíveis e que por serem análises distintas possibilitam, por comparação, complementar ou mesmo contribuir para estudos sobre as alterações pelas quais passou Meia Ponte até se configurar como a atual Pirenópolis. Visando melhor compreensão buscamos, metodologicamente, aproximar as observações feitas pelos viajantes com os olhares que incidem sobre a cidade atualmente, tal recurso visa valorizar as percepções dos viajantes a partir das informações por eles deixadas e que são referenciais para a historiografia local.

PIRENÓPOLIS NO BICENTENÁRIO DAS VIAGENS

Por ocasião das passagens dos viajantes Pohl e Sain-Hilaire, Meia Ponte era Arraial, em seguida passou a Vila (1832) e posteriormente elevada à categoria de cidade (1853). Teve ainda sua denominação alterada para Pirenópolis em 1890, conforme Jayme (1971); a mudança solicitada pela vereança ao governo de Goiás pautava-se no argumento de valoração topográfica: cidade dos Pireneus, cadeia montanhosa descrita pelos viajantes e cuja preocupação topônima foi descrita por Saint-Hilaire:

Sigo aqui a grafia usada por três autores que merecem crédito — Casal, Martius e Matos. Creio, porém, que seria melhor escrever Pirineus, como Pizarro, ou Perineus, como Luis Antônio da Silva e Sousa, pois são essas as pronúncias usadas na região. Acho que o viajante deve, acima de tudo, acompanhar os usos quando registra nomes que até então ainda não tinham sido escritos por ninguém. Seria possível, com efeito, que os antigos paulistas, os quais tinham no máximo uma ligeira idéia da geografia de Portugal, tenham querido dar a essas montanhas de Goiás o nome dos Pireneus da Europa? Em todo caso, é vidente que não se deve escrever, como Pohl, Pyrenaeos (1975).

As informações contidas em uma nota de rodapé apontam para a grafia correta e a origem da denominação dos Pireneus, um importante divisor de águas, com nascentes que desaguam na Bacia Amazônica e na Bacia do Prata e que atualmente é uma Área de Proteção registrada como Parque Estadual dos Pirineus (Lei 10.321 de 20/11/1987), lei que não considera ortograficamente o nome correto da toponímia.

Dentre as observações do francês sobre os Pireneus goiano consta: “alcançamos finalmente a base dos picos mais elevados [...] gastei quase um quarto de horas para alcançar o cume deles”. Continua escrevendo que: “rochas estreitas formam a ponta do pico, e de suas fendas brotam caneladas-de-ema (*Vellozia*) semi-ressequidas e coberta de líquens” e “durante toda a excursão consegui recolher apenas uma pequena quantidade de plantas que ainda não possuía” (Saint-Hilaire 1975). Era junho de 1819 e o clima seco e frio alterava significativamente a vegetação local.

Em outra nota de rodapé, Saint-Hilaire assinala indícios de que teria sido o pioneiro a registrar uma verdadeira incursão de subida ao cume dos Pireneus, ao escrever que “de acordo com tudo o que acabo de dizer, sobre os Montes Pireneus, vê-se que o Dr. Pohl foi inteiramente enganado pelos que o persuadiram de que as matas virgens tornavam inacessíveis essas montanhas”, e continua afirmando “estou certo também de que, se o General Cunha Matos tivesse tido oportunidade de escalá-las, não teria escrito que elas são cobertas por uma exuberante vegetação até o seu cume”.

Ao chegarem a Meia Ponte, Pohl em janeiro e Saint-Hilaire em maio de 1819, continuam os relatos sobre o Arraial, com informações desde a passagem anterior pelos Pireneus. O francês dimensiona a extensão paroquial compreendendo cerca de 23.040 Km², convertidas as léguas em

quilômetros. Atualmente o município é constituído por área territorial de 2.205,10 Km², considerando as intensas emancipações territoriais e também paroquiais ocorridas.

Os dados populacionais utilizados pelo austríaco tiveram por origem a contagem oficial empreendida pelo governo de Goiás em 1812, quando a população era assim dividida, segundo reprodução por ele transcrita:

Quadro 01. População de Meia Ponte em 1812

	Homens	Mulheres	Totais Parciais
Branços	586	682	1.268
Negros	441	404	845
Mulatos	918	996	1.914
Escravos	1.356	926	2.282
Totais Geral	3.301	3.008	6.309

Fonte: Adaptado de Pohl 1976

Dois fatos em relação aos dados chamam a atenção: a utilização de informações antigas que correspondem a um período anterior da viagem a Meia Ponte e a não checagem dos números, pois apresenta o total da população masculina como tendo uma centena de pessoas a menos, o que foi por nós adaptado para o presente artigo.

Ainda pelos quantitativos mencionados percebe-se algumas das características da população com predominância de negros, seguidos por mulatos e brancos. Pelo Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve significativa alteração — mesmo considerando a modificação dos parâmetros e definições de investigação/classificação. A população pirenopolina apresentou, de acordo com o IBGE, preminência de brancos, seguida à distância por pardos, pretos, amarelos e indígenas. A população estimada para o ano de 2017 foi de 24.761 habitantes.

Sobre o Arraial, Pohl afirma que “a sua maior parte ocupa uma colina em cujo sopé fica, numa praça aberta e quadrada, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, exteriormente insignificante, porém espaçosa” (1976). Saint-Hilaire descreve o referencial edificado com um pouco mais de detalhe: “a igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, é bastante ampla e fica localizada numa praça quadrangular. Suas paredes, feitas de adobe, têm 12 palmos de espessura e são assentadas sobre alicerces de pedra. O interior da igreja é razoavelmente ornamentado, mas o teto não tem forro”.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário é a sede da Paróquia de mesma denominação, dedicada à padroeira local. Foi construída entre 1728 e 1732, em taipa de pilão, e passou por alterações ao longo dos séculos. Em 1864 houve implantação de forro na capela-mor que foi artisticamente pintado por dois artistas locais (Jayme 1971). Devido a sua representatividade construtiva, a igreja recebeu tombamento individual em 1941, tornando-se patrimônio nacional. A partir de então passou por várias

restaurações até ser consumida por um incêndio em setembro de 2002. O monumento está de volta desde 2006, e é um dos cartões postais locais mais fotografado.

Pohl indica que “existem ainda no lugar várias igrejas, todas diminutas” (1976). O francês escreve “cinco igrejas contribuem para enfeitar o arraial” (Saint-Hilaire, 1975). Além da ornamentação, as edificações religiosas delimitavam não só o espaço religioso, mas eram diretrizes para o prolongamento dos logradouros pelos quais circulavam as pessoas. De acordo com Saint-Hilaire “as ruas são largas, perfeitamente retas e com calçadas dos dois lados”. As observações de Pohl apresentam visão mais técnica no campo da mineralogia: “Todas as ruas são retas e têm até passeios de xisto quartzífero. Das três ruas principais uma é calçada”. Continua ele: “as casas são térreas, construídas de madeira e barro, caiadas e cobertas de telhas. Não se encontram aqui vidraças nas janelas, que, mesmo na igreja, são substituídas por pano de linho esticado. A cadeia é o único edifício assobradado”. A configuração ao longo das ruas para Saint-Hilaire indica que o Arraial “tem praticamente o formato de um quadrado e conta com mais de trezentas casas, todas muito limpas, caprichosamente caiadas, cobertas de telhas e bastante altas para a região.

O processo de cair as paredes regularmente não era preocupação só estética, mas principalmente para evitar insetos que podiam adentar aos adobes e as taipas, danificando paredes e possibilitando ainda algumas doenças. Atualmente é costume não mais cair e sim pintar as paredes anualmente, após o período das chuvas, mantendo a tradição de casas alvas em meio ao verde circundante e dos quintais. As tintas substituíram a cal pela durabilidade e possibilidade de se lavar as fachadas do casario sem danificar a cor, uma vez que as tintas industriais atuais não são solúveis à água como a cal. Saint-Hilaire diz que da praça da matriz “vêem-se os quintais das casas, com seus cafeeiros, laranjeiras e bananeiras de largas folhas” (1975). As árvores frutíferas cooperavam na alimentação e para tornar o clima mais ameno aos habitantes e aos que passavam por Meia Ponte.

Pirenópolis conta, segundo dados da Coletoria Municipal de Pirenópolis (2018), com 5151 imóveis cadastrados e distribuídos em 49 loteamentos. O aglomerado encontrado pelos viajantes constitui o Centro Histórico de Pirenópolis, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no final da década de 1980, e que conta, conforme informação do Escritório Técnico de Pirenópolis, com 547 imóveis distribuídos em treze ruas, oito travessas (becos) e dois largos (ETP/Iphan 2018).

No que diz respeito a hidrografia local o principal manancial é o Rio das Almas, cuja jusante leste-oeste, foi mencionado pelos viajantes; sendo que o riacho observado por Pohl, na verdade é o

Córrego da Prata, depositário do Rio das Almas ainda no perímetro urbano. Estanho é a não menção por eles do Córrego Lava-pés existente na então saída para Vila Boa de Goiás.

Saint-Hilaire descreve que “à época do calor mais forte todos os habitantes do lugar — homens e mulheres — banham-se regularmente no Rio das Almas, o que contribui para mantê-los em boa saúde”. Haja vista que a água para consumo humano, naquele período, também era proveniente do mencionado curso d’água. Ainda perduram os banhos no Rio das Almas, mas os moradores preferem trechos a montante, devido à poluição. Procuram também, assim como os turistas, se refrescarem nas mais de oitenta cachoeiras espalhadas pelo município e provenientes de vários outros rios e córregos.

Saint-Hilaire verificou que “a doença mais comum ali é a hidropisia, não sendo rara também uma forma de elefantíase a que eles dão o nome de morfeia”. Enfermidades que eram cuidadas com orações, chás, benzimentos e algum apoio advindo de “um hospício dos Franciscanos do Santo Sepulcro de Jerusalém, habitado por um frade” (Pohl 1976). Tratava-se, corrige Saint-Hilaire de “um asilo dos Irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco, as quais se encarregavam de recolher as esmolas dos fiéis para a manutenção do Santo Sepulcro”. Os asilos/hospícios, eram locais em que os enfermos se tratavam e se hospedavam, mesmo não sendo muito requisitado por pessoas que não estavam com alguma moléstia.

Em Meia Ponte havia outro meio de hospedagem mais conhecido e difundido e que serviu de abrigo para Pohl em sua primeira passagem pela localidade. O estabelecimento localizava-se próximo ao Córrego Lava-pés, “a estalagem, no extremo da cidade, tão mal aparelhada que tive de tomar emprestadas, do vigário do local, mesa e cadeiras para poder receber as visitas distintas” (1976). Por ocasião de sua segunda passagem por Meia Ponte a partir de 25 de abril de 1820, Pohl explica que: “a estalagem estava ocupada por uma família de Traíras, de passagem, constituída de onze pessoas. Estavam acamadas, com febre nervosa”; portanto, continua ele: “tive de fazer uso das cartas de recomendação que me dera o Governador Geral, solicitando ao Comandante local que me obtivesse alojamento, o que foi feito sem demora”.

É conveniente salientar que Pohl buscou, nas duas vezes que esteve em Meia Ponte, se hospedar na estalagem e só quando não conseguiu recorreu a apresentação da carta de recomendação, diferentemente de Saint-Hilaire que antes de chegar encaminhou seu acompanhante com o referido documento, conseguindo um local para se estabelecer, evitando hospedagem comercial, que como vimos não apresentavam acomodações confortáveis.

A procura antecipada por hospedagem é atualmente uma constante em Pirenópolis, onde é muito comum a rede hoteleira não conseguir suprir a demanda em finais de semana com feriados ou

mesmo em períodos de férias ou de alta temporada, uma vez que a cidade é muito procurada por ser um dos importantes indutores de turismo estadual e nacional, aglutinando atrativos naturais, arquitetônicos, culturais, gastronômicos e um extenso calendário de eventos.

Os dados referentes a 2018 indicam a existência de cerca de 180 meios de hospedagem no município (Secretaria Municipal de Turismo, 2018), abarcando quase todas as modalidades; dentre eles 116 com registros no Cadastur que é um sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo no Brasil, proposto pelo Ministério do Turismo. Os estabelecimentos voltados para alimentação registrados no Cadastur são 5, mas a variedade de opções para refeições na cidade corresponde a aproximadamente 150 empreendimentos (Secretaria Municipal de Turismo, 2018).

A produção e as técnicas produtivas de alimentos foram observadas pelos viajantes. Sobre os meiapontenses Saint-Hilaire escreve: “foram eles, ao que parece, os primeiros em toda a capitania que tiveram a glória de se dedicar ao cultivo da terra” com “plantações de feijão e milho”. Segue afirmando que “as terras da paróquia são apropriadas a todo tipo de cultura, até mesmo à do trigo, mas é principalmente com a criação de porcos e a cultura do fumo que se ocupam os colonos da região” (1975). Destaca ainda o algodão, a mandioca e as uvas destinadas à produção de vinhos. Pohl observa os mesmos cultivos e acrescenta o café e a cana e uma manufatura, ao afirmar que “aqui também fazem chapéus” (1976).

As informações sobre a agricultura permanente e temporária no município de Pirenópolis referentes a 2016, indicam cultivo de: arroz, banana, borracha, laranja, mandioca, milho, soja e tangerina (IBGE). Além de hortaliças e derivados do leite, outras frutas e cereais. O que não se difere muito de outras cidades goianas ou mesmo brasileiras que possuem uma agricultura desenvolvida por pequenos proprietários e com baixas incidências de mecanização.

Os trabalhos agrícolas, segundo Saint-Hilaire, definiam a dinâmica urbana: “ainda hoje a maioria dos habitantes de Meia Ponte se dedica à agricultura e como só vão ao arraial aos domingos, as casas permanecem vazias durante toda a semana” (1975). Atualmente outra atividade econômica é predominante no Centro Histórico: o turismo, que propiciou a transformação de inúmeras casas em comércios como lojas de artesanato, bares, lanchonetes, restaurantes e mesmo meios de hospedagem, que recebem os grandes fluxos em finais de semana, permanecendo pouco ocupadas nos outros dias. Existem ainda casas destinadas a segunda residência, que só ficam ocupadas aos finais de semana, permanecendo fechadas a maior parte do tempo. Pode-se mesmo afirmar que o centro comercial se desloca aos finais de semana tendo por epicentro a Rua do Rosário onde se concentram os

empreendimentos voltados para os turistas; enquanto durante a semana a Avenida Sizenando Jayme é o local de maior fluxo, por aglutinar prefeitura, bancos e comércio.

O custo de vida em Pirenópolis é alto, em especial por receber muitos turistas com grande poder aquisitivo, em especial das capitais próximas: Goiânia e Brasília, além de muitos estrangeiros, que acabam inflacionando não só o setor imobiliário, mas os preços de grande parte dos comércios locais, mesmo os não voltados para o turismo. No entanto, no passado não era diferente, como mencionou Pohl: “achei as mercadorias aqui muito mais caras do que na longínqua Goiás” (1976), sede administrativa da Capitania. Provavelmente os preços locais se relacionavam com o contexto geográfico e logístico de Meia Ponte, observados pelos dois viajantes: “fazem considerável comércio, favorecido pela situação da cidade no ponto de junção das estradas que conduzem a Goiás, Mato Grosso, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais” (Pohl 1976). Saint-Hilaire também destacou que Meia Ponte estava situada na “interseção das estradas do Rio de Janeiro, Bahia, Mato Grosso e S. Paulo” (1975).

Dois situações adversas derivam do grande contato com outras localidades, tanto no passado quanto no presente, a questão cultural e a pobreza. Dentre as visitas recebidas Pohl citou a do “professor remunerado de língua latina” (1976). Saint-Hilaire, deixando aflorar o eurocentrismo e o pouco crédito intelectual dispensado a maioria dos goianos explana: “enquanto que os outros arraiais contavam, no máximo, com um professor de primeiras letras, Meia Ponte tinha (1819) um professor de Gramática Latina pago pelo governo. Tenho minhas dúvidas, porém, de que fosse grande o número de seus alunos e de que seus ensinamentos dessem resultados práticos.”

Tanto o jovem vigário, padre Luís Gonzaga de Camargo Fleury, quanto o Comendador Joaquim Alves de Oliveira — que estavam à frente da condução da comunidade local —, foram bastante elogiados pelos dois viajantes devido aos conhecimentos diversos, por falarem outros idiomas, possuírem bagagem de leitura e incentivarem a busca por conhecimentos.

As primeiras letras, enquanto responsabilidade atual, cabe ao poder municipal. Em Pirenópolis são 14 unidades escolares mantidas pela municipalidade, metade delas na cidade e a outra espalhada pelo município, acolhendo 2.538 alunos e com 205 professores que atendem as diversas demandas inclusivas dos discentes (Secretaria Municipal de Educação, 2018).

Em relação à pobreza, Saint-Hilaire vivenciou a experiência de que “não se consegue dar um passo no arraial sem esbarrar com mendigos”, especifica ele que “vários deles, atacados de elefantíase, necessitam evidentemente de assistência. Outros são filhos naturais que poderiam trabalhar”. Prossegue ponderando: “mas como pedem esmolas dizendo pelo amor de Deus, ninguém tem coragem de negar, e assim se arraiga neles o hábito da indolência”. Diante dos fatos apresenta um dilema: “mas como

podiam as bondosas pessoas que conversam comigo sobre essas coisas acreditar que, ao darem a Deus uma prova de seu amor, estavam encorajando o vício?” (Saint-Hilaire 1975).

Se no passado, século XIX, a agricultura absorvia, segundo o botânico, grande parte dos afazeres de pessoas que residiam em Goiás, no presente (século XXI) as propriedades rurais continuam contribuindo com empregos, mas a empregabilidade em Pirenópolis merece destaque nos empreendimentos turísticos que absorve quantitativo significativo de trabalhadores, necessários para o funcionamento dos inúmeros empreendimentos, em especial os atrativos, os meios de hospedagem e de alimentação. No entanto, pelas ruas da cidade é possível avistar a presença de pedintes.

O mesmo francês, todavia, elogiou e comparou alguns hábitos locais com costumes europeus: “realmente notável era o asseio tipicamente holandês” que se via na casa em que se hospedou, uma vez que não buscou uma estalagem como Pohl. Retoma o assunto dos bons hábitos e da higiene: “por mais pobres que sejam, suas casas quase nunca são sujas, e se eles possuem apenas duas camisas, a que trazem no corpo é sempre limpa” (Saint-Hilaire 1975).

Pohl parece ter se sentido recompensado ao narrar que “a maior curiosidade mineralógica da região de Meia Ponte é um quartzito elástico. Supunha-se, antes, que essa rocha poderia ocorrer, mas a mim estava reservada a felicidade de deslindar o caso” e localiza o achado “ela aflora a uma légua de distância a cidade, na serra, além de uma péssima ponte sobre o Rio das Almas (Pohl 1976).

A ponte em questão passou por vários reparos, incluindo, em 2001, espaço destinado a pedestres. Em 2018 a prefeitura promoveu a mais recente restauração. O caminho para as pedreiras são outros atualmente, e a mineração baseada na extração de quartzito, ou “Pedra de Pirenópolis”, ocorre desde a década de 1930, sendo responsável pelo sustento de muitas famílias e por considerável contribuição para a economia local. As rochas, brutas ou beneficiadas, são comercializadas com várias cidades brasileiras e até mesmo exportada para outros continentes.

Sobre as amostras da rocha Pohl escreve “não deixei de enviar para a Europa, onde chegaram inteiras, duas das maiores, de cerca de 85 centímetros de comprimento e uns setenta de largura. Achar-se guardadas juntamente com diversas variedades, no Real e Imperial Museu do Brasil” (1976). Saint-Hilaire também coletou bastante material que foi, igualmente, enviado para museus europeus destinados a Coleções Científicas e de História Natural e de Ciências.

De Meia Ponte os viajantes seguiram em direção a cidade de Goiás. Na volta, passaram primeiro pelo Engenho de São Joaquim, situado a menos de cinco léguas do arraial. Saint-Hilaire visitou a propriedade em agosto de 1819: “parei na fazenda do comandante de Meia-Ponte, Joaquim

Alves de Oliveira, para quem o governador da província me tinha dado uma carta de recomendação, tendo nessa ocasião feito grandes elogios a ele. A acolhida que me deu foi perfeita”. Os elogios continuaram: “tratava-se, inegavelmente, da mais bela propriedade que havia em toda a região de Goiás que eu tinha percorrido” (Saint-Hilaire 1975). Pohl, em abril de 1820, narrou “chegamos a um dos maiores engenhos de açúcar do Brasil” e segue afirmando que “este engenho é magnificamente instalado e cercado de muros (1976).

O antigo Engenho passou a ser denominado de Fazenda Babilônia, recebeu tombamento individual em 1965 pelo Iphan sendo registrada no Livro de Belas Artes, e continua recebendo visitantes para conhecerem parte da história goiana e um resgate gastronômico pelo Café Sertanejo (www.fazendababilonia.com.br).

Na volta a Meia Ponte, o comandante, ausente no Engenho, por ocasião da visita de Pohl, promete a ele o envio de rochas à Europa, o que segundo o austríaco foi cumprido.

Escassas foram as descrições deixadas por Pohl e Saint-Hilaire por ocasião da passagem de volta a Meia Ponte, a maioria delas aparecem mencionadas ao longo do texto. Poucas têm sido as iniciativas de manutenção da memória das Viagens empreendidas em Meia Ponte em 1819, assim como as ações comemorativas ao bicentenário da passagem de Pohl e Saint-Hilaire pela cidade dos Pireneus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a importância das contribuições dos viajantes ao Brasil, em especial para lugares mais distantes — descritos como sertão —, abarcando Goiás e abrangendo Meia Ponte, pois as observações e relatos, compilados nas “Viagens” são, muitas das vezes, os primeiros registros que se têm de algumas localidades produzidos por alguém que não pertencia aos poderes constituídos até então pelo regime de padroado.

Para a historiografia goiana, como exposto, os textos de Pohl e de Saint-Hilaire representam fontes de suma importância, mesmo dotados de visões eurocêntricas e de pessimismos em relação a um desenvolvimento discordante do que acontecia nos países de origem. Mesmo com a discrepância que adviria a impregnar significativamente a produção científica por muito tempo, desde então, há consenso entre os historiadores que as “Viagens” são documentos fundamentais no que tange as discussões sobre Goiás no século XIX.

A amplitude dos registros das observações propostas pelos viajantes extrapola as áreas de formação ou de conhecimentos que possuíam, perpassando questões antropológicas, sociológicas, psicológicas, dentre outras; o que possibilitou que em estudos recentes, profissionais de vários campos

do conhecimento recorressem às bibliografias por eles produzidas, não só sobre o Brasil, mas também, especificamente, referentes a Goiás — algumas delas por nós utilizadas.

Por ocasião das passagens dos viajantes por Meia Ponte, eles vivenciaram dois momentos distintos do Cerrado. Pohl, o período que compreende as águas, sendo a primeira visita entre 10 e 14 de janeiro de 1819 e a segunda datada de 25 de abril a 5 de maio do ano seguinte, correspondente ao início da seca, mas ainda bastante influenciado pelas águas no último instante. Saint-Hilaire, ao contrário, chega a Meia Ponte pela primeira vez quando o sol é ardente na seca do Cerrado; descreve ele a influência do clima no comportamento: “enquanto permaneci ali o calor se tornou insuportável, o que me deixou em estado de grande irritação” (1975), partiu em direção à capital a 17 de junho. A segunda visita ocorreu a partir da tarde de 8 de agosto do mesmo ano. O mal humor que acometeu Saint-Hilaire, que pode ser melhor compreendido a partir das interações viajante-natureza que foram descritas, entre outras por (Souza 2012), e parece ter se amenizado em Meia Ponte ou pelo menos nos escritos sobre a localidade como pode ser verificado: “o encantador arraial [...] era um dos mais bem aquinhoados da província” (1975).

Pirenópolis é atualmente um dos destinos turísticos mais procurados em Goiás, por aglutinar atrativos históricos, culturais e naturais, atraindo turistas goianos, brasileiros e de inúmeras outras nacionalidades. Sendo que a maioria deles acaba por visitar pelo menos um dos locais descritos pelos viajantes, mas não possuem conhecimento ou informação que há 200 anos atrás dois importantes viajantes estiveram ali e descreveram, muitas vezes, pioneiramente o local.

Ademais, pouca importância é dispensada a Pohl e a Saint-Hilaire em Pirenópolis, as moções a eles cabem apenas na oralidade que vem se alterando com o passar do tempo. As “Viagens” não constam nas bibliotecas públicas locais, mesmo sendo quase que indispensáveis para a compreensão da história local. História que está exposta em museus pela Europa, por meio das coleções naturais coletadas, também, pela terra dos Pireneus.

Enfim, o intuito de analisar os textos das “Viagens” tendo por recorte Meia Ponte, mostrou-se como uma tímida atitude de reconhecimento das grandes contribuições de Pohl e de Saint-Hilaire para a compreensão de aspectos ligados à Natureza e à Ciência, constituindo arcabouço histórico referente ao século XIX e comparado com a cidade de Pirenópolis em 2018, ano do bicentenário das viagens. No entanto, estamos cientes de que serão necessários muitos outros estudos para que se possa desvendar todos os subsídios contidos nas páginas escritas por eles a partir de vivências que completam seu bicentenário.

REFERÊNCIAS

- Andrade KS 2008. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau: a exotização da província de Goiás e a grafia dos topônimos. *Diacronia* 11(5): 96-105.
- Belluzzo AM 1996. A propósito d'o Brasil dos Viajantes. *Revista USP* (30): 8-19.
- Belluzzo AM 2000. *O Brasil dos viajantes*. Ed. Metalivros, São Paulo. 516pp.
- Coletoria Municipal de Pirenópolis 2018. Dados imobiliários diversos.
- Corrêa MMS 2001. Naturalistas e viajantes estrangeiros em Goiás (1800-1850). In Chaul NF & Ribeiro PR (Orgs.). *Goiás: identidade, paisagem e tradição*. Ed. UCG, Goiânia, p. 75-121.
- Escritório Técnico de Pirenópolis/Iphan 2018. Dados diversos sobre o Centro Histórico de Pirenópolis/GO.
- Fazenda Babilônia. Disponível em: <http://www.fazendababilonia.com.br/>
- Figueiredo VMC, Nicolino AS 2016. Breves notas de viajantes estrangeiros sobre a história da dança em Goiás e alguns desafios para a educação. *Polyphonia* 27(2): 739-750.
- Gomes Filho RR 2015. Olhares estrangeiros sobre Goiás: do viajante ao missionário na produção da alteridade sobre o Sertão Goiano. *Caminhos* 13(1): 66-83.
- IBGE. Pirenópolis, dados diversos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=521730&search=goias|pirenopolis>
- Iglésias F 2000. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Nova Fronteira/EdUFMG, Rio de Janeiro/Belo Horizonte, 256pp.
- Jayme J 1971. *Esboço Histórico de Pirenópolis*. Ed. UFG, Goiânia, 624pp.
- Kury L 2001. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos* (3): 863-880.
- Lei de criação do Parque Estadual dos Pirineus. 1p. Disponível em: http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/1987/lei_10321.htm
- Leitão TMM. Aspectos da economia goiana no século XIX: impressões de um viajante europeu. In: *Anais do VIII Conpeex*. Ed. UFG, Goiânia. 2011,15p. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/mestrado/trabalhos-mestrado/mestrado-tania-maria.pdf>
- Lemke M 2012. *Trabalho, família e mobilidade social – notas do que os viajantes não viram em Goiás. c.1770 – c. 1847*. Tese do Doutorado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 304pp.
- Lemos US 2016. *Na mesa com Clio: uma trajetória histórica alimentar em Goiás do século XIX a primeira metade do século XX*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 116pp.
- Magalhães SM 2004. *Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Franca/SP, 254pp.

Mateus JC, Silva SMA. 2015. A visão dos primeiros viajantes europeus sobre a mulher goiana no século XIX. *Trilhos* 12(1): 38-44.

Meios de Hospedagem em Pirenópolis. Disponível em: <http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/PesquisarEmpresas.mtur>

Oliveira MF, Mello M 2013. Cidades do Sertão: o olhar de um francês do século XIX. *Outros tempos* 10(15): 173-187.

Pohl JE 1976. *Viagem ao Interior do Brasil*. Trad. Amado M; Amado E. Itatiaia/EdUSP, Belo Horizonte/São Paulo, 417pp.

Polonial JM 2001. Ensaio sobre a historiografia goiana e Anapolina. *Revista Educação & Mudança* (7/8): 71-87.

Rezende FS 2017. *Médicos estrangeiros em Goiás no século XIX: Johann Emmanuel Pohl, George Gardner e Hugh Algernon Weddell*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 142pp.

Rocha Jr. DA 2013. *Historiografia Goiana: quando a História escrita se torna documento*. 9p. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/4712/3/p2.pdf>

Saint-Hilaire A 1975. *Viagem à Província de Goiás*. Trad. Junqueira RR. Itatiaia/EdUSP, Belo Horizonte/São Paulo, 158pp.

Salles GVF. A pesquisa histórica em Goiás. In *Anais da XXIII Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SPBC)*, Curitiba, 1971, p. 453-491.

Sandes NF, Arrais CA 2014. A historiografia goiana entre dois tempos: Goiás e Goiânia. *Opsis* 14(1): 339-414.

Secretaria Municipal de Educação de Pirenópolis 2018. Censo de Matrículas.

Secretaria Municipal de Turismo de Pirenópolis 2018. Meios de hospedagem e de alimentação.

Silva, LB, Pereira RM 2016. O Cerrado de Saint-Hilaire: as representações naturalistas de um viajante francês do século XIX. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 5(2): 214-225.

Souza FS 2008. Fragmentos da devastação: uso e aproveitamento da terra goiana no relato do Saint-Hilaire. In: *Anais do XXIV Semana da História "Pensando o Brasil no centenário de Caio Prado Júnior"*, Assis/SP, 9p.

Souza FS 2012. Natureza, ocupação territorial e vias de comunicação de Goiás nos relatos de viajantes do século XIX. *Revista Brasileira de História da Ciência* 5(1): 50-59.

Tavares MFD 2007. O futuro do Sertão: paisagens urbanas, memórias e natureza – Goiás (séculos XVIII-XIX). *Ponta de lança* 1(1): 83-100.

Travel to 200 Years of European Traveler's Reports on Meia Ponte/GO

ABSTRACT

In 1819 two European travelers, the Austrian Johann Emanuel Pohl and the French Auguste de Saint-Hilaire passed by Meia Ponte registering observations on the old village. They arranged information that included the works called "Travels": official reports that contemplate descriptions about the many localities visited in Brazil by both of them. It is aimed here to investigate the relations between history, science and nature from Meia Ponte, having the travelers' narratives mentioned as a guideline. Methodologically the bibliographical analysis involves the two travelers and several authors who analyzed the two referenced works, seeking a comparative analysis between Meia Ponte (1819) and Pirenópolis City (2018).

Keywords: Pohl; Saint-Hilaire; Pirenópolis; Nature.

Submissão: 30/01/2018

Aceite: 03/04/2018